



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ARARIBÓIA E A NOIVA DE COCAR

Um Estudo Referente aos Reflexos da Hibridização Cultural em Niterói no Século XVI.

LIA VIEIRA RAMALHO BASTOS

ORIENTADOR: PROF. DR. ITALO ALVES BRUNO

NITERÓI

2013

LIA VIEIRA RAMALHO BASTOS

ARARIBÓIA E A NOIVA DE COCAR

Um Estudo Referente aos Reflexos da Hibridização Cultural em Niterói no Século XVI.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel.

ORIENTADOR: PROF. DR. ITALO ALVES BRUNO

NITERÓI

2013

LIA VIEIRA RAMALHO BASTOS

ARARIBÓIA E A NOIVA DE COCAR: Um Estudo Referente aos Reflexos da
Hibridização Cultural em Niterói no Século XVI.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Produção Cultural
da Universidade Federal Fluminense, como
requisito parcial para obtenção do Grau de
Bacharel.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Italo Alves Bruno – Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Regina Célia da Silva Costa
Universidade Salgado de Oliveira

NITERÓI

2013

Dedico este trabalho final de conclusão de curso a meu marido, que esteve sempre ao meu lado, mesmo que à distância em alguns momentos, me apoiando e me incentivando para a realização de todos os meus sonhos. E à minha mãe, principal responsável e formadora da minha base educacional, a qual traçou meu caminho até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a meu orientador Prof. Italo Bruno, que me acompanha desde o projeto de iniciação científica, este que me deu a base para o desenvolvimento desta monografia, me ensinando a exercer o pensamento crítico e me estimulando a sempre pesquisar mais.

Ao Prof. Wallace de Deus, pela sua dedicação em me fornecer importante bibliografias, opiniões e contatos construtivos à finalização deste trabalho.

A Prof.^a Regina Costa, com seu livro *Marechal Deodoro: a rua do Imperador*, bibliografia fundamental para o desenvolvimento desta monografia.

Ao Prof. João Domingues que me indicou o livro que guiou o início de minha pesquisa e a direcionou a seguir este caminho.

Ao Prof. Luiz Augusto que me apresentou o Calçadão da Cultural, onde tive o prazer de conversar com o representativo memorialista de Niterói, o jornalista centenário Luiz Antonio Pimentel.

A Prof.^a Tetê Mattos que gentilmente cedeu-me a imagem do busto de Araribóia.

A todos os outros professores por quais passei nesta graduação e pude absorver mais conhecimento, assim como aos diversos autores que me embasei para compor este trabalho.

Ao Museu Antonio Parreiras, com a cessão das imagens das telas que ilustram essa monografia. Especialmente à Iracema Magalhães, coordenadora de documentação e pesquisa do MAP, sempre muito solícita.

Finalmente, a minha família e amigos que sempre me apoiaram, me incentivaram e me ensinaram a ser persistente e concluir esta graduação. Especialmente à minha amiga-irmã Maria Bulcão.

RESUMO

O estudo referente a este trabalho tem início anteriormente a formação da Aldeia de São Lourenço dos Índios, no século XVI, quando Araribóia ainda vivia em terras da Ilha de Paranapuã. O foco desta pesquisa será a hibridização cultural ocorrida entre os indígenas e os portugueses devido ao encontro e convivência dos nativos com os colonizadores quando aqui chegaram. Guiaremos-nos, para estudo deste objeto, através dos hábitos, tradições e costumes praticados por estes povos e seguiremos abordando como a cultura local foi sendo modificada ao longo dos anos seja pela aculturação, deculturação ou etnocídio. No entanto, o mais relevante para este estudo é a convergência entre essas duas culturas citadas anteriormente, isto é, a hibridização entre esses povos, a mistura ou mescla cultural, chamada assim por alguns autores. A partir disso, tentaremos analisar quais os impactos e resultados gerados por estas relações especificamente na cultura niteroiense.

PALAVRAS-CHAVE: ARARIBÓIA, NITERÓI, HIBRIDISMO, MISCIGENAÇÃO, ACULTURAÇÃO.

ABSTRACT

The basis for this study dates back to the founding of the village of São Lourenço dos Índios, in the sixteenth century, when Araribóia still lived on Paranapuã island. The core of this research is the cultural hybridization that occurred between the Indigenous Populations and the Portuguese due to the encounter and coexistence of natives and settlers when the latter arrived in this Country. In the present study we will focus on the habits, traditions and customs of these peoples and will go on to discuss how local culture has been modified over the years either by acculturation, deculturation or ethnocide. However, the most relevant element to this study is the convergence of the two cultures previously mentioned, that is, the hybridization between these peoples, their cultural mixture or blend, as referred to by some authors. Finally, we will try to analyze the impacts and results produced by these relationships especially with regard to Niterói culture.

KEYWORDS: ARARIBÓIA, NITERÓI, HYBRIDITY, MISCEGENATION, ACCULTURATION.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
1. ARARIBÓIA E SUA HISTÓRIA.....	03
1.1. Raízes e Origem de Araribóia.....	03
1.2. Retorno ao Rio de Janeiro.....	06
1.3. Fundação da Aldeia de São Lourenço dos Índios.....	09
1.4. Implicações que foram além do Contato Cultural.....	12
2. RELAÇÕES DO HIBRIDISMO CULTURAL EM NITERÓI NO SÉCULO XVI.....	14
2.1. A Representação do Vestuário.....	15
2.2. Contato com as Artes Cênicas e Musicais.....	19
2.3. Relações Socioculturais na Colônia.....	21
3. REFLEXOS DE ARARIBÓIA NA ATUALIDADE NITEROIENSE.....	27
3.1. A Busca da Identidade.....	27
3.2. Reconstruções do Orgulho Niteroiense.....	31
CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

INTRODUÇÃO

A construção deste trabalho se inicia em 2009 quando comecei a cursar a graduação de Produção Cultural na Universidade Federal Fluminense. Isto se justifica, pois acredito, que toda a minha trajetória traçada até aqui faça parte do resultado final desta monografia. A diversidade de disciplinas proporcionadas pelo curso, ligadas à arte, à cultura, a políticas, à gestão e inclusive à antropologia, me abriu um grande leque de possibilidades de escolha para qual caminho seguir.

Estas possibilidades foram se afunilando de acordo com o progresso no curso, com a maturidade acadêmica e por minhas preferências pessoais. Inclusive, dois fatores foram primordiais para a escolha da temática abordada neste trabalho. Primeiro a minha mudança para Niterói, pois sou curitibana, mas hoje já posso dizer que meu coração é niteroiense. Essa paixão pela cidade de Niterói se desenvolveu em grande parte devido ao segundo fator, que foi a participação na iniciação científica, com o projeto idealizado pelo meu orientador Prof. Dr. Italo Bruno, *O Projeto Museu das Origens de Mário Pedrosa e suas Possíveis Aplicações na Produção Artística da Cidade de Niterói*.

Cada história, mito, lenda pesquisada a respeito da cidade, cada museu visitado, cada artista niteroiense descoberto, cada cantinho de Niterói que se apresentava a mim, fazia com que me instigasse, estimulando ainda mais a pesquisar e conhecer mais sobre essa cidade que tão calorosamente havia me acolhido.

Então, durante estas pesquisas com o projeto da iniciação científica me deparei mais profundamente com o Araribóia, figura mítica da cidade de Niterói. Figura esta, amada e considerada o herói e fundador da cidade por alguns, enquanto que por outros, considerado um traidor e comparsa dos portugueses. A história deste controverso personagem será aqui contada, mas com foco nas relações desenvolvidas entre ele, sua nação Temiminó e os colonizadores portugueses. Buscando analisar os resultados procedentes em Niterói do contato entre culturas tão distintas que geraram uma verdadeira e expressiva hibridização cultural em nosso país.

Para a análise e o desenvolvimento destas questões apresentarei nesta monografia três capítulos que se completam junto a imagens ilustrativas de quadros de Antonio Parreiras, de uma gravura de Han Staden, além de fotos, desenhos e imagens de livros e filmes que representam os costumes daquela época. No primeiro capítulo faço uma abordagem histórica, delineando a trajetória de Araribóia desde os primeiros relatos a seu respeito, a sua possível origem, sua conversão ao catolicismo, a criação de seu vínculo com os portugueses, assim como as desavenças, seu casamento com uma mameluca, fato esse, de grande expressividade para exemplificar o início da mistura cultural no Brasil. Passaremos também pela sua posse às terras da Banda D'Além, o surgimento da Aldeia de São Lourenço dos Índios, finalizando com seu falecimento em data provável a 1589.

No segundo capítulo procuro refletir a respeito de como foi sendo estabelecidos os contatos entre os Temiminós e os portugueses, e também com os jesuítas. Neste caso, pude abordar os processos de hibridização destas culturas através de pesquisas sobre seus costumes e tradições, como o vestuário, que era tão discrepante entre estes povos, a catequização que os jesuítas tentavam empregar por meio da música e das artes cênicas, a forma como foi sendo organizada a sociedade colonial e qual o papel de Araribóia neste contexto. Buscando analisar os resultados destes processos, verificando suas implicações na vida sociocultural destes povos no século XVI.

Para finalizar, entro com o terceiro capítulo abordando como os resultados daquela hibridização cultural iniciada com a colonização portuguesa se refletiram no processo de formação da identidade da cidade de Niterói e de seus moradores. Neste momento me deparo com diversos questionamentos e inquietações a respeito de uma cultura que parece ter se perdido com o passar dos anos.

Afinal, a hipótese deste trabalho seria que a identidade cultural em Niterói e até mesmo no Brasil, tenha sido formada devido a um processo de aculturação entre os Temiminós e os portugueses e não por etnocídio, como alguns autores posicionam. No entanto, por que temos a impressão da cultura portuguesa se sobrepor à indígena no decorrer dos séculos? Esta é só uma das inquietações que me instigaram a pesquisar as raízes de Niterói e desenvolver este trabalho final tendo como foco um dos principais responsáveis por iniciar esse processo de hibridização cultural no país, o cacique Araribóia.

1. ARARIBÓIA E SUA HISTÓRIA

1.1. Raízes e Origem de Araribóia

A história de Araribóia se inicia muito antes a fundação da cidade de Niterói, datada em 22 de Novembro de 1573. De acordo com pesquisadores Araribóia nasceu por volta de 1525, possivelmente na Ilha de Paranapuã, atual Ilha do Governador, de onde aparecem os primeiros relatos sobre o índio e sua nação Temiminós.

Arariboia (em tupi, “cobra da tempestade”), mais tarde batizado com o nome cristão de Martim Afonso de Sousa, nasce por volta de 1525. Os temiminós ocupavam o território da ilha de Paranapuã, atual ilha do Governador, e já a algum tempo vinham estreitando relações com os colonos. O chefe Maracaiaguaçu, o Gato Grande, já havia recebido em sua taba o primeiro governador-geral do Brasil, Tomé de Sousa e o padre Manuel da Nóbrega.¹

A aliança formada entre os Temiminós e os portugueses contribuiu para a mudança do povo indígena às terras do Espírito Santo, devido aos progressivos ataques dos Tamoios, estes que eram aliados dos franceses. Os confrontos se ampliaram após a invasão francesa comandada pelo Almirante Villegagnon ao Rio de Janeiro em 1555, conforme cita Almeida:

Viviam em guerra com os vizinhos tamoios. Sentindo-se ameaçados, solicitaram aos portugueses quatro embarcações, a fim de fugirem para a capitania do Espírito Santo, onde se estabeleceram em 1555. Em terras capixabas, surgem as primeiras menções aos temiminós liderados por Araribóia, grupo que talvez tenha se originado de uma dissidência dos maracajás. O que se sabe é que, ao chegarem ao Espírito Santo, alguns desses índios provenientes do Rio se embrenharam pelo sertão e só seriam aldeados em 1562, com um novo chefe. Este já seria Araribóia.²

Há relatos de que foi no Espírito Santo que Araribóia converteu-se cristão e adotou o nome de batismo Martim Afonso de Sousa, aproximando-se e apropriando-se cada vez

¹ COSTA, C. S., *MARECHAL DEODORO: A rua do Imperador*. Niterói, RJ: Nitpress, 2010, p.23.

² ALMEIDA, M. R. C., *Nobreza de Índio, Net*, Rio de Janeiro, set. 2008, Seção Artigos.

mais da cultura portuguesa e católica. Não havendo registros, segundo Lessa³, de catequese cristã na cidade do Rio de Janeiro anteriormente aos anos 1550. A partir deste momento começamos a perceber os sinais de que se iniciava uma hibridização cultural entre os povos residentes no Brasil.

*Na carta de 10 de junho de 1562, escrita pelo padre Miguel Torres, é mencionada a aldeia de N. Sra. Da Conceição que era de Maracajá-Guaçu. Fala também noutra que se pode interpretar com segurança como sendo a do Cobra Feroz. Seria a primeira referência documental a Araribóia. Aldeia com mil almas que vieram ao Rio de Janeiro e foram sempre amigos dos portugueses. O principal da aldeia deseja fazer-se cristão e os padres querem casá-lo com uma moça dos seus.*⁴

Estas sequências descritivas vão revelando o presente contato entre o povo Temiminó e o português, inclusive é de grande relevância a atuação dos jesuítas neste momento, pois são eles que irão desenvolver uma relação mais próxima com os indígenas através da tentativa de catequização e formação de aldeamentos.

O pintor niteroiense, Antonio Parreiras⁵, retrata em sua tela “O Missionário” de 1936, esse encontro de culturas tão distintas, dada pela chegada dos portugueses ao Brasil junto à iniciativa dos jesuítas para a catequização dos indígenas.

Para uma análise sobre as relações estabelecidas entre os personagens nesta tela buscamos em parte nos basear em Todorov, que em seu livro *A Conquista da América* de 1983, ele relaciona a história da descoberta da América com o contato entre colonizador e colonizado através de interpretações e reflexões a respeito de signos e de suas simbologias. E agregando a esta metodologia, traremos também a *proxêmica*, conceito segundo Hall⁶ utilizado para designar reflexões e teorias inter-relacionadas entre o homem e o uso que faz do espaço.

³ LESSA, L. C., *Pontos Controvertidos da Vida de Araribóia*. Niterói, RJ: Laplace, 1996, p.43.

⁴ ALONSO, apud OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.27.

⁵ Antonio Diogo da Silva Parreiras (1860-1937), niteroiense, formado na Academia Imperial de Belas Artes, é autor de vasta obra, como desenhos, pinturas de gêneros, temas históricos, nus artísticos. Antonio Parreiras foi o maior intérprete do cenário natural brasileiro e um dos artistas mais populares de seu tempo.

⁶ HALL, E. T., *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p.106.

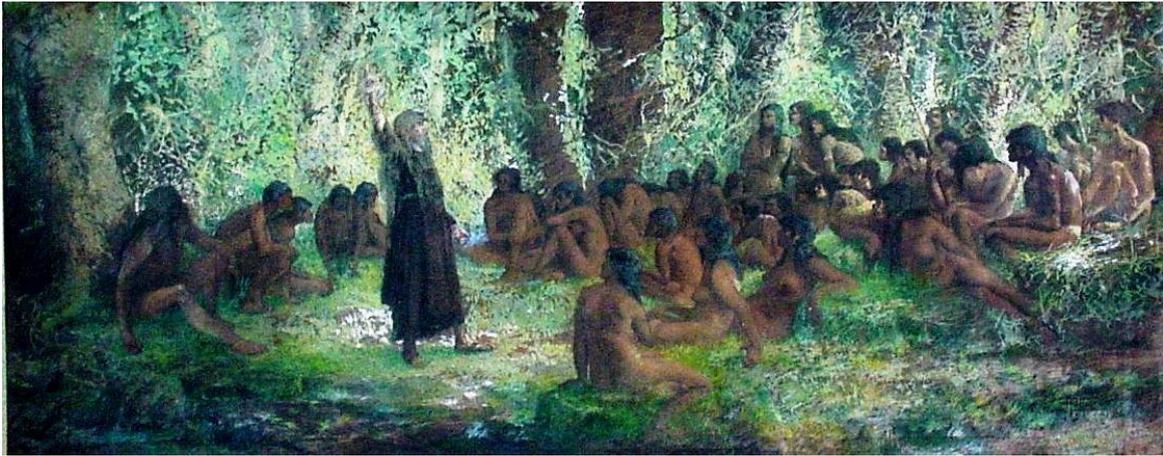


Figura 1 PARREIRAS, A., O Missionário, 1936. Têmpera; Guache, 94,3 X 226,3.

Nesta primeira tela vê-se no centro o que seria um padre jesuíta passando aos índios em seu entorno os ensinamentos católicos. O padre está em pé e mantém-se um pouco distante dos índios, não havendo um contato pessoal, parecendo estar discursando em voz alta. Enquanto isso, a maior parte dos nativos, ao redor, está sentada, alguns mais próximos outros mais afastados. De acordo com a *proxêmica* de Hall⁷ a respeito das relações estabelecidas a partir da distância entre os homens, esta cena seria representada pela *distância social - fase próxima* (distância de 1,20m a 2,10m) devido à postura do jesuíta olhando de cima para baixo em direção aos índios aproximadamente à distância citada, resultando em um efeito de dominação. Esta relação, conforme Hall⁸ seria o *limite da dominação*, onde ninguém toca ou espera ser tocado por outra pessoa. Desta forma, faz parecer que o padre seria uma figura superior aos gentios, nos levando a questões como a da superposição de culturas, muito relevante à colonização brasileira pelos europeus, como se observa em Tinhorão:

*A superposição de culturas, ao invés da sua mistura para o intercâmbio de informações que poderia gerar uma síntese original, já se revelava então como a maior característica nessas primeiras relações entre europeus e indígenas. Como viria a acontecer muitas vezes no correr dos séculos, a posição de superioridade de uma elite – no caso colonial, os padres -, faziam com que os elementos populares – nas reduções, os indígenas – fossem aproveitados apenas em função de objetivos ideológicos, para efeitos da catequese, na imposição dos princípios da moralidade e da fé católica.*⁹

⁷ HALL, E. T., *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p.112.

⁸ Id., 1981, p.111.

⁹ TINHORÃO, J. R., *Música popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972, p.20.

Estes, quando aqui chegaram, se consideravam mais evoluídos e civilizados que os nativos, assim como citou Tinhorão anteriormente e Todorov¹⁰ sobre as primeiras percepções de Colombo na América: *Fisicamente nus, os índios também são, na opinião de Colombo, desprovidos de qualquer propriedade cultural. Através da catequização e imposição dos bons costumes e da moral, relevantes a cultura europeia católica, os colonizadores pareciam visar uma deculturação à cultura indígena.*

1.2. Retorno ao Rio de Janeiro

Em pouco tempo, os portugueses procuraram os Temiminós, fixados agora em terras do Espírito Santo, em busca de reforço para expulsar os franceses das terras da Guanabara. Mem de Sá aliado a Araribóia e seus guerreiros chegam ao Rio de Janeiro na década de 1560, destroem o Forte Coligny e expulsam os franceses. Segundo Costa¹¹, esta atitude não foi suficiente para manter os franceses e os Tamoios afastados do Rio de Janeiro, sendo ocupada novamente por eles. Em 1565 os portugueses se organizam para o combate contra os franceses e a retomada das terras, agora era Estácio de Sá quem estava no comando. Depois de dois anos em constantes lutas, Estácio de Sá recorre ao apoio de Araribóia, dando assim finalmente a vitória aos Portugueses e elevando a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro à Capitania.

Outro depoimento que corrobora a esta passagem é o do Monsenhor Maurilio Cesar de Lima, historiador, que articula a história política do Brasil com a história das instituições eclesiásticas da Igreja Católica no Brasil do período de 1500 a 1942, onde relata:

Obtidos do governador geral reforços necessários e contando com a colaboração dos índios Temiminós, chefiados pelo cacique Arariboia, os lusos sobrepuseram os adversários na batalha das canoas, no dia de São Sebastião, 20/01/1567. A cidade teve segunda fundação, no que foi conhecido como Morro do Castelo, com a assistência de Mem de Sá e do bispo Dom Pedro Leitão. Estácio morreria em consequência de flechada envenenada, no ataque do Uruçu-mirim.¹²

¹⁰ TODOROV, T., *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.34.

¹¹ COSTA, C. S., *MARECHAL DEODORO: A rua do Imperador*. Niterói, RJ: Nitpress, 2010, p.24.

¹² LIMA, M. C., *Breve História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2004, p.36.

O pintor Antonio Parreiras retratou este fato em 1911 com a tela “Morte de Estácio de Sá”, sendo essa de grande expressão para demonstrar iconograficamente os primeiros indícios de uma sociedade que se formaria a partir da miscigenação de dois povos tão distintos, provenientes de hábitos e costumes tão diferentes, assim podemos ver pela representação dos vestuários na tela de Parreiras.

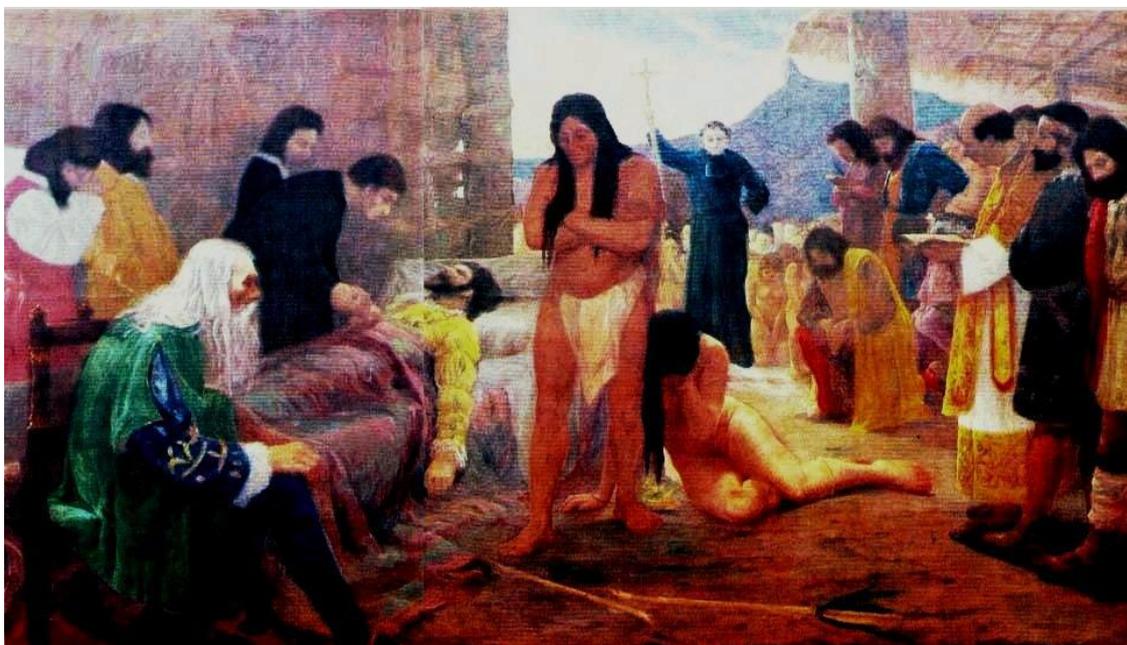


Figura 2 PARREIRAS, A., Morte de Estácio de Sá, 1911. Óleo sobre tela, 197,0 X 348,0 cm.

Destacamos aqui a posição central de Araribóia, altivo, de braços cruzados, demonstrando imponência, mostrando-se como figura principal em meio a portugueses de grande representatividade para a época. Voltando à *proxêmica*, podemos analisar novamente as relações das distâncias entre os personagens e demonstrar que este destaque dado à Araribóia está conforme o conceito de *distância pessoal* definida por Hall¹³ como a distância que separa sistematicamente os membros das espécies não contato. Onde ele vai sugerir imaginar o organismo, neste caso Araribóia, mantendo-se como uma pequena bolha protetora entre os demais, de forma a manter-se afastado, mas suficiente perto, ao alcance da mão.

Estas análises *proxêmicas*, dadas pelas posições dos indivíduos, representam as relações estabelecidas entre eles num certo espaço, quanto menor a distância, mais íntima elas se revelam. Este momento retratado por Parreiras consegue expor a representatividade

¹³ HALL, E. T., *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p.110.

histórica e *proxêmica* de forma a deixar este fato ainda mais verídico. Pois Araribóia nesta época realmente já mantinha boas relações de proximidade com os portugueses, lutava ao lado destes, já havia tornado-se cristão e estava prestes a receber as honrarias pela expulsão dos franceses, assim como será revelado adiante.

De acordo com o livro, *Quadros históricos de Antonio Parreiras* (1955), esta cena se passa na casa de Estácio de Sá, localizada no morro Cabeça de Cão. Moribundo ao leito está Estácio de Sá, enquanto à esquerda do observador se encontra José de Anchieta, segurando a mão do enfermo, e sentado aos pés da cama, Mem de Sá. No centro da composição encontra-se Araribóia e sua companheira aos seus pés. Ao fundo o padre Manoel da Nóbrega e à direita do observador estão Correia de Sá, o bispo Pedro Leitão, Cristóvão de Barros (futuro governador da província), entre outros portugueses de destaque.

Em *São Lourenço*¹⁴, relata-se que é a partir desta época que Araribóia torna-se um forte aliado dos portugueses no combate aos franceses e Tamoios, solicitando em contrapartida um trecho de terra para estabelecer seu povo na chamada “Banda D’Além”, nos fundos da baía de Guanabara. Como era bem querido por Mem de Sá que desejava mantê-los por perto, devido a possíveis ataques inimigos, foi-se logo atendido o pedido do cacique.

*Situando-se na Banda D’Além da baía, onde hoje se encontra a cidade de Niterói, a aldeia de Arariboia recebe o nome de São Lourenço dos Índios. Seus limites estendiam-se tanto pela orla marítima, ao longo das barreiras vermelhas - os terrenos de argila vermelha presentes desde a praia de Boa Viagem até a ponta do Gragoatá - quanto em direção ao interior. A cessão da sesmaria, datada de 1568, encontra-se registrada em cartório.*¹⁵

Neste intermédio entre a doação da sesmaria e a posse oficial das terras da Banda D’Além ocorreu um fato muito representativo, seja para prosseguir a respeito da hibridização cultural em Niterói, seja para demonstrar que o povo Temiminó já residia nestas terras anteriormente a 1573. Este fato foi descrito por Alonso em seu livro *Araribóia em Notícia* (1976), a saber, o casamento de Araribóia com uma mameluca, que teria sido realizado no ano de 1570, três anos antes da data de fundação da aldeia.

A comunhão teria sido realizada na Igreja da Sé, onde a noiva teria rompido com as tradições católicas vigentes ao entrar na igreja com um vestido branco um pouco abaixo

¹⁴ OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.28.

¹⁵ COSTA, C. S., *MARECHAL DEODORO: A rua do Imperador*. Niterói, RJ: Nitpress, 2010, p.24.

dos joelhos, com um enorme cocar multicolor e maquiada ao modo Temiminó. No entanto, o casamento foi realizado com uma cerimônia católica, tendo aos seus convidados Temiminós e portugueses, inclusive o Governador da Província. Após a cerimônia, todos foram convidados a um grande banquete que seria oferecido em terras da Banda D'Além da baía de Guanabara.

Rio de Janeiro, Primeiros dias de maio de 1570 – O Rio parou ontem para ver o herói da conquista de URUÇUMIRIM e da famosa batalha de PARANAPUCUÍ que se casava pela segunda vez.

A frota nupcial chegou ao porto do Rio de Janeiro às nove horas da manhã. Toda a cidade, tendo à frente o seu Capitão-mor e Governador, o recebeu com palmas e vivas. Acompanhou-o a população até a Sé, onde ouviu missa e recebeu o Santíssimo Sacramento da mão do vigário, que realizou o casamento com toda solenidade.

Terminada a cerimônia religiosa, o Governador e toda a cidade acompanharam os nubentes ao porto e foram saudados com alguns disparos de peças de artilharia.

Araribóia ofereceu um banquete na Aldeia de São Lourenço a toda a tribo e aos portugueses que os acompanharam até Niterói com as respectivas esposas.¹⁶

Com este relato é possível confirmar a ocupação das terras anteriormente a posse oficial por Araribóia e sua aldeia, além de expor diversos elementos simbólicos de culturas distintas que se uniram resultando em uma rica hibridização cultural que é representativa atualmente não só em Niterói ou no estado do Rio de Janeiro, mas em todo o Brasil. Questões essas, que serão abordadas e analisadas ao longo desta monografia.

1.3. Fundação da Aldeia de São Lourenço dos Índios

Então, em 22 de Novembro de 1573 foi oficializada a posse das terras de Araribóia, nomeada Aldeia de São Lourenço dos Índios e data esta, considerada como Fundação da Cidade de Niterói. Antonio Parreiras vai retratar este fato, “Martim Afonso de Souza, o Araribóia - Fundação de Niterói” em 1909, representando Araribóia como um forte líder e grande guerreiro, ao pé do morro observando a construção da capela de São Lourenço dos Índios marco principal da fundação da qual viria a ser a cidade de Niterói e da adoção ao

¹⁶ ALONSO, J. I., *Araribóia em Notícia*. Niterói, RJ: UFF/NDC/Centro de Memória Fluminense, 1976, s/p.

catolicismo. *A partir deste momento concretiza-se a assimilação de uma nova estrutura política, social e religiosa trazida pelos colonizadores.*¹⁷



Figura 3 PARREIRAS, A., Martim Afonso de Souza, o Araribóia - Fundação de Niterói, 1909. Óleo sobre tela, 300,0 X 200,0 cm.

Para se obter a posse de terras naquela época era necessário ser cristão, possuir bens e passar por uma cerimônia que remetia ao período medieval: *Além da lavratura da carta de sesmaria havia o ritual simbólico de posse, quando se colocava nas mãos do novo dono de terra, pedras, areia e ramos verdes provenientes de seu novo feudo.*¹⁸

Araribóia já havia se convertido ao catolicismo enquanto viveu no Espírito Santo e os bens, o rei de Portugal, Dom Sebastião proporcionou a ele: *... um vestuário completo do próprio uso do rei Dom Sebastião, o hábito de Cavaleiro da Ordem de Cristo, o posto de Capitão-Mor de sua aldeia, além de uma tença de doze mil réis anuais.*¹⁹

Nota-se que Araribóia era de grande estima entre os Portugueses e figura muito importante politicamente no Rio de Janeiro. Além disso, parece que o cacique se adaptou

¹⁷ COSTA, C. S., *MARECHAL DEODORO: A rua do Imperador*. Niterói, RJ: Nitpress, 2010, p.25.

¹⁸ OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.28.

¹⁹ WHERS, apud OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.29.

muito bem a essa nova cultura, desfrutando dos regalos e adulações feitas pelos portugueses, mas sem desligar-se por completo de suas origens. Ele vivia entre os dois mundos:

Teve casa na rua Direita [atual 1° de Março]. Era natural, pois se tornara um dos homens mais importantes da cidade. Isto não significa que tivesse de viver no reduto urbano, alheio ao governo de sua gente. Era o capitão-mor do grupo temiminó que se repartia por três aldeias. São Lourenço seria a sua base e a casa da rua da Direita o lugar da parada quando vinha à cidade.²⁰

Essa boa convivência entre Araribóia e os portugueses aparentemente permaneceu até a visita do novo governador da província Antônio Salema, que governou de 1572 a 1578. Em sua visita ao Rio de Janeiro, Araribóia foi um de seus convidados especiais, mas quando é chamado a sentar-se o cacique cruza as pernas como costume e é repreendido como se lhe estivesse faltando com a boa educação. Araribóia então ofendido, responde o governador e conforme Costa²¹, não houve mais notícias de seu retorno à corte.

Se tu souberas quão cansadas eu tenho as pernas das guerras em que servi a El-rei, não estranharias dar-lhes agora este pequeno descanso; mas já que me achas pouco cortesão, eu me vou para minha aldeia, onde nós não curamos desses pontos e não tornarei mais à tua corte.²²

A Aldeia de São Lourenço foi se desenvolvendo ao longo dos anos com fazendas de cana-de-açúcar, fumo e mandioca pertencentes aos jesuítas. Os índios desenvolveram técnicas apuradas na produção de cerâmicas decorativas, lajotas e telhas. Além de trabalharem com pesca e esquarteramento de baleias, onde em 1583 instalou-se na Ponta da Areia, na época chamada de Ponta da Armação. Mas após a morte de Araribóia, a produção e o desenvolvimento da aldeia entraram em declínio, com suas terras sendo divididas, devido concessões e aforamentos até ser decretado o seu fim em 1866 pelo governo da província.

²⁰ ALONSO, apud LESSA, L. C., *Pontos Controvertidos da Vida de Araribóia*. Niterói, RJ: Laplace, 1996, p.54.

²¹ COSTA, C. S., *MARECHAL DEODORO: A rua do Imperador*. Niterói, RJ: Nitpress, 2010, p.27.

²² SALVADOR, apud COSTA., 2010, p. 27.

1.4. Implicações que foram além do Contato Cultural

Junto com a rica hibridização cultural resultante do contato entre os povos indígenas e os colonizadores vieram também as doenças epidêmicas e endêmicas. Como cita Moonen²³, não há muitos documentos históricos que relatem exatamente quais doenças trouxeram os colonizadores, mas hoje já se sabe que eram doenças comuns aos europeus, como gripe, tuberculose, varíola e sarampo. Os nativos eram muito suscetíveis a qualquer doença que fosse trazida de fora, pois como nunca se havia feito contato a elas, não possuíam anticorpos para combatê-las. Uma simples gripe poderia dizimar bruscamente uma aldeia inteira, conforme nos diz Lessa:

*De fato, lemos na Medicina do Brasil Colonial, de Lourival Ribeiro: “Datam dos séculos XVI e XVII o aparecimento em nosso país de muitas doenças epidêmicas e endêmicas que somente foram erradicadas em nossos dias. Doenças de alto poder mortífero e de fácil comunicabilidade, como a varíola e a febre amarela, impuseram ao colonizador e aos indígenas sacrifícios e tributos imensuráveis”. E mais adiante: “As epidemias de varíola foram as mais frequentes.”*²⁴

Estas doenças eram difíceis de serem combatidas, pois não havia remédios e tratamentos adequados, as condições de higiene no Brasil colônia eram precárias e além do mais, naquela época, aplicar qualquer tratamento diferente do que os nativos estavam habituados, deveria ser quase impossível. Conforme Oliveira²⁵, para os indígenas as doenças estão ligadas aos espíritos inimigos, às ações do sobrenatural e seria o pajé o responsável por fazer a leitura destes sintomas e geralmente indicava para se alcançar a cura um tratamento de acordo com os seus costumes e suas raízes.

Moonen²⁶ aponta para a possibilidade dos jesuítas serem os principais agentes contaminadores e responsáveis pelo extermínio dos índios naquele período, devido a proximidade do contato em cada aldeamento. Segundo ele, aos padres doentes era recomendado virem ao Brasil para se curarem mais rapidamente e afirma que o padre Anchieta sofria de tuberculose.

²³ MOONEN, F., Povos Indígenas no Brasil. *Net*, Recife, 2008, p.08.

²⁴ LESSA, L. C., *Pontos Controvertidos da Vida de Araribóia*. Niterói, RJ: Laplace, 1996, p.87.

²⁵ OLIVEIRA, Priscila Henrique de. “Transformar o índio em um índio melhor”: saúde e doença no contexto do indigenismo (1910-1967). In: FREIRE, C. A. R. (org). *Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio - FUNAI, 2011, p.196.

²⁶ MOONEN, F., Povos Indígenas no Brasil. *Net*, Recife, 2008, p.09.

Devido à ignorância dos padres a respeito das doenças que transmitiam e ao descaso muitas vezes, milhares de índios morriam rapidamente e segundo eles, sem motivo algum. Justificando ser obra do Senhor para punição dos pecados indígenas, assim como relata Anchieta em uma de suas cartas:

*(...) dos meninos inocentes se há enviado uma boa cópia (quantidade) deles à glória com estas enfermidades. Louvores ao Senhor que de todos tem tanto cuidado... Num breve espaço morreram muitos e a maior parte foram meninos inocentes. De cada dia morriam três, quatro, às vezes mais, que, para povoação tão pequena, foi uma boa renda para Nosso Senhor.*²⁷

Parece que o chefe Temiminó, teria sido vítima deste contato mortal. Havendo várias histórias controversas a respeito de sua morte, Lessa vai fazer a junção de um manuscrito antigo achado pelo Padre Serafim Leite que relata a morte de Araribóia em 1589 e a pesquisa sobre epidemias no Brasil de Lourival Ribeiro. Deduzindo a partir destes dados, com grande veracidade, a suposição de que realmente Araribóia teria adoecido após o contágio da varíola e falecido em 1589.

*Essa passagem, o pe. Serafim reproduziu-a, no original latino, em sua monumental História da Companhia de Jesus no Brasil. (...) “As aldeias de índios confiadas ao nosso cuidado [espiritual] adoeceram de gravíssimas enfermidades este ano; e embora se tenham curado a tempo, alguns não escaparam; e do número destes foi Martim Afonso, ilustre guerreiro, muito insigne pela memória das façanhas memoráveis [acontecidas] neste litoral.”*²⁸

Assim, o cacique e capitão-mor da Aldeia de São Lourenço dos Índios, parte deixando em seu legado a fundação da cidade de Niterói e sua contribuição na formação de uma cultura híbrida fortemente representada na identidade brasileira.

²⁷ Citado em E. Martins, *Nossos índios, nossos mortos*, Rio de Janeiro, Codecri, 1978, p. 22. apud MOONEN, F., *Povos Indígenas no Brasil*. Recife, 2008, p.09.

²⁸ LESSA, L. C., *Pontos Controvertidos da Vida de Araribóia*. Niterói, RJ: Laplace, 1996, p.87.

2. RELAÇÕES DO HIBRIDISMO CULTURAL EM NITERÓI NO SÉCULO XVI

Século XVI, quando a cidade de Niterói não era ainda a Aldeia de São Lourenço dos Índios, apenas Banda D'Além, revela-se um fato marcante para o desenvolvimento desta pesquisa monográfica, devido a menção que faz em relação à questão da mistura cultural entre o povo indígena e o português.

Por uma carta do Padre Gonçalo de Oliveira, do Colégio dos jesuítas do Rio de Janeiro, escrita em 21 de maio de 1570 ao geral da Companhia de Jesus, em Roma, sabe-se que naquele ano Araribóia se casara com uma mameluca. O ato transcorreu no Rio, na Sé.²⁹

Através da descrição deste acontecimento já podemos ver índices de misturas e hibridização entre as culturas predominantes naquele momento, assim como citado no capítulo anterior. Afinal, qual outro conceito se estabeleceria a um casal formado por um índio e uma mameluca casando-se numa igreja católica no século XVI? Isto acarreta algumas deduções previsíveis, como por exemplo, os dois com certeza já teriam sido batizados católicos, possivelmente teriam passado por uma aculturação portuguesa e católica, já que mais adiante veremos que havia entre os convidados, além dos Temiminós, os portugueses, inclusive o Governador da Província.

Conforme Costa³⁰, no início do século XVI as normas do casamento ainda não eram bem definidas, pairando entre práticas matrimoniais católicas e indígenas. Enquanto os índios apenas levavam suas mulheres pra casa podendo até mesmo possuir mais de uma esposa, os brancos com as índias possuíam dois tipos de relacionamento, quando a índia era escrava, tornava-se sua amante, e quando livre, o casamento era oficializado. Era comum o casamento entre portugueses e filhas dos chefes das aldeias indígenas, assim como índios importantes socialmente casar-se com mamelucas, como foi o caso de

²⁹ WEHRS, C., *Niterói Cidade Sorriso: história de um lugar*. Rio de Janeiro: (Apresentação de) Charles Julius Dunlop, 1984, p.34.

³⁰ COSTA, C. S., *MARECHAL DEODORO: A rua do Imperador*. Niterói, RJ: Nitpress, 2010, p.26.

Araribóia. Mas tudo isso era previamente pensado para a formação de alianças e parcerias que seriam importantes entre essas nações.

A aceitação e a convivência entre os portugueses e os índios, em uma única sociedade, podem ser vistas de início apenas como uma aliança política ou mesmo como um jogo de interesses de ambos os lados, pois havia uma mútua troca de favores entre eles. Entretanto, com o tempo essa convivência foi se naturalizando e se fortalecendo, refletindo em diversos fatores, sendo eles sociais, culturais, raciais, entre outros. Devido a isso, as duas nações sofreram modificações em suas estruturas socioculturais e até mesmo étnicas, surgindo os mestiços, que predominaram na formação da sociedade brasileira.

2.1. A Representação do Vestuário

Alonso narra um pouco mais a respeito do acontecimento matrimonial de Araribóia, relatando o seu vestuário nas normas sociais e o inusitado traje da noiva para aquela época, inclusive a maquiagem e o cocar ao invés do véu e grinalda.

Rompendo com a tradição cristã e portuguesa, a noiva não usou véu e grinalda. Com um elegante vestido branco até pouco abaixo do joelho, apresentou-se de cocar longo e multicolor, caindo até os pés, todo trabalhado em penas de papagaio, araras e de papo de tucano, raridade essa que só será repetida 250 anos depois, quando o Imperador Pedro I usar em sua veste o famoso manto feito com penas da curiosa ave brasileira. A noiva foi maquiada pela senhoras temiminós que usaram tintas nativas, bases de tonalidades berrantes, feitos de urucum e sombras tiradas do jenipapo.³¹

Enquanto Araribóia, bravo cacique e protetor dos portugueses, vestiu-se de acordo com os costumes vigentes na corte da época.

O Capitão-mor de São Lourenço trajava uma veste real que lhe foi presenteada pelo próprio D. Sebastião após a vitória contra os franceses e tamoios de Cabo Frio que tentaram invadir sua aldeia..³²

O vestuário atua nas sociedades, sejam elas remotas ou contemporâneas, como um fator simbólico refletindo costumes e hábitos culturais, sociais, políticos e financeiros. Como exemplo, podemos citar o retorno de Araribóia ao Rio de Janeiro, por volta do ano de 1565, já batizado cristão, chamando-se então de Martim Afonso de Souza.

³¹ ALONSO, J. I., *Araribóia em Notícia*. Niterói, RJ: UFF/NDC/Centro de Memória Fluminense, 1976, s/p.

³² Id., 1976, s/p.

Podemos identificar historicamente este fato através do relato descrito no livro *São Lourenço* da cerimônia de posse da sesmaria da Banda d'Além, recebida por Araribóia, em 1573, onde explica que no Brasil para se obter uma sesmaria era necessário que o favorecido fosse cristão e que possuísse bens que possibilitassem o progresso das terras. O batismo de Araribóia já havia sido realizado no Espírito Santo e as outras exigências foram proporcionadas pelo rei de Portugal, Dom Sebastião, conforme descrito no primeiro capítulo.³³

Vestuário este que Araribóia usava em situações festivas e de importância social, assim como em seu casamento citado anteriormente.

Naquele mesmo sítio foram feitas as representações teatrais com festas, as primeiras em território fluminense, arranjadas pelos padres jesuítas, com Anchieta à frente. (...) O Mistério de Jesus subiu à cena na Aldeia de São Lourenço no adro da igreja. O ano não se tem certeza. Estava presente tudo o que havia de notável na aldeia e na capitania. O Governador atravessara a baía para assistir à festa. Araribóia com aquela célebre farda, que El-Rei D. Sebastião lhe mandara de Portugal, compareceu com seus índios. (...) A peça foi representada pelos meninos indígenas de Araribóia..³⁴

Daniela Calanca vai definir o termo costume de forma muito conveniente as abordagens feitas neste trabalho. Em seu livro *História Social da Moda*, questões referentes à moda são analisadas a partir de uma visão sociológica, justificando que o modo de ser de um indivíduo está ligado a suas relações em sociedade e que este conjunto determina o que chamamos de “costume”:

... o termo “costume”, na acepção de “hábito constante e permanente que determina o comportamento, a conduta, o modo de ser” de uma comunidade, de um grupo social, remete ao conceito de sistema, de estrutura, ou seja, um conjunto de vários elementos relacionados entre si. Considerados isoladamente, tais elementos estão privados de valor; no entanto, assumem um significado no momento que são ligados por um conjunto de normas, de regras coletivas. Nesse sentido, o costume é essencialmente um fenômeno de caráter axiológico, isto é, refere-se a uma escala de valores ideais aos quais os membros de um determinado contexto histórico-social e cultural tendem a assemelhar-se ao máximo.³⁵

Desmembrando os elementos descritos por Alonso a respeito do vestuário dos noivos, a descrição de Whers do traje recebido por Araribóia pelo Rei e analisando pela

³³ Conf. capítulo 1, p.18.

³⁴ WEHRS, C., *Niterói Cidade Sorriso: história de um lugar*. Rio de Janeiro: (Apresentação de) Charles Julius Dunlop, 1984, p.34.

³⁵ CALANCA, D., *História Social da Moda*. São Paulo: Senac São Paulo, 2008, p.1-2.

definição de Calanca, vemos que a representatividade destes elementos em separado apenas nos remete ao costume de cada cultura, sem nos acrescentar o valor simbólico em questão. No momento em que a noiva e Araribóia surgem com todos aqueles elementos reunidos em um único contexto podemos ter uma compreensão de um forte simbolismo cultural como uma maneira de demonstrar que talvez a hibridização entre os povos Temiminó e português não tenha sido resultado apenas de uma deculturação aos Temiminós e sim resultado de uma aculturação entre as duas nações.

Assim, também sugere Chataignier quando comenta a respeito das adequações que os portugueses tiveram que realizar em seu vestuário devido ao clima tropical das novas terras colonizadas em seu livro *História da Moda no Brasil*.

Nas novas terras, onde já se encontravam enraizados vários povos nativos com uma tradição cultural que lhe era muito singular, os europeus tiveram que construir referências mais coerentes com seu estilo sociocultural. O traje começa a apresentar algumas adequações necessárias ao novo contexto, ou seja, uma roupa que resultava da aculturação e que juntava aos tradicionais trajes lusitanos o despojamento no vestir exigido pelo clima tropical. Por meio da miscigenação de frutos e tintas, luxo e poder, cores e texturas, surgia aos poucos o que viria a ser no século XVII o início do figurino nacional que constitui a forma de vestir brasileira.³⁶



Figura 4 Ilustração de vestuário de dama portuguesa.

CHATAIGNIER, 2010, p.22



Figura 5 Ilustração de vestuário de mulher do povo.

CHATAIGNIER, 2010, p.23

³⁶ CHATAIGNIER, G., *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Estação das letras e Cores, 2010, p.22.

A questão da vestimenta para os índios em um primeiro contato com os portugueses, de acordo com Frans Moonen, teria sido utilizada na verdade mais pela curiosidade e como adorno do que por proteção do corpo e para cobrir as partes íntimas. As roupas foram aderidas pelos nativos por serem vistas como enfeites, assim como espelhos e contas e não pela sua função de utilidade.

A função da utilidade vai ser imposta em sequência à dominação colonizadora e jesuítica. Como exemplo relata Moonen³⁷, que em um aldeamento jesuítico montado para índios cristãos no sul do país em meados de 1549, estes eram obrigados a usar camisa branca, gibão e culotes e as índias, vestidos brancos até os calcanhares.



Figura 6 Representação do vestuário masculino indígena imposto nos aldeamentos. Filme: The Mission, 1986.

Os jesuítas já pela questão moral e religiosa insistiram e pressionaram aos índios que cobrissem as partes íntimas de seus corpos e sem obterem sucesso por completo, conseguiram apenas que estes aderissem à utilização da tanga de algodão como vestuário, assim como relata Chataignier:

...quando os padres jesuítas aqui chegaram para a catequização dos nativos, houve forte pressão para encobrir as vergonhas, ou seja, as partes do corpo consideradas pudentas (...). Mas os religiosos não conseguiram lograr seus intentos, uma vez que os indígenas gozavam de muita liberdade e eram avessos a qualquer repressão aos seus costumes milenares. No entanto, as fibras de algodão, antes destinadas às redes para pesca e para descanso, tiveram seu uso ampliado: surgiram as tangas tecidas com esse vegetal. Esse fato, se, por um lado, satisfazia a moral jesuítica, por outro, instituía

³⁷ MOONEN, F., Povos Indígenas no Brasil. Net, Recife, 2008, p.20.

*uma peça para cobrir parcialmente o corpo. Adotada pelas nativas, a tanga pode ser considerada ainda que sutilmente, a nudez total dos aborígenes. Essa mesma peça, séculos depois, com etiqueta verde e amarela, invadiu o mundo pré-globalizado nas praias urbanas.*³⁸

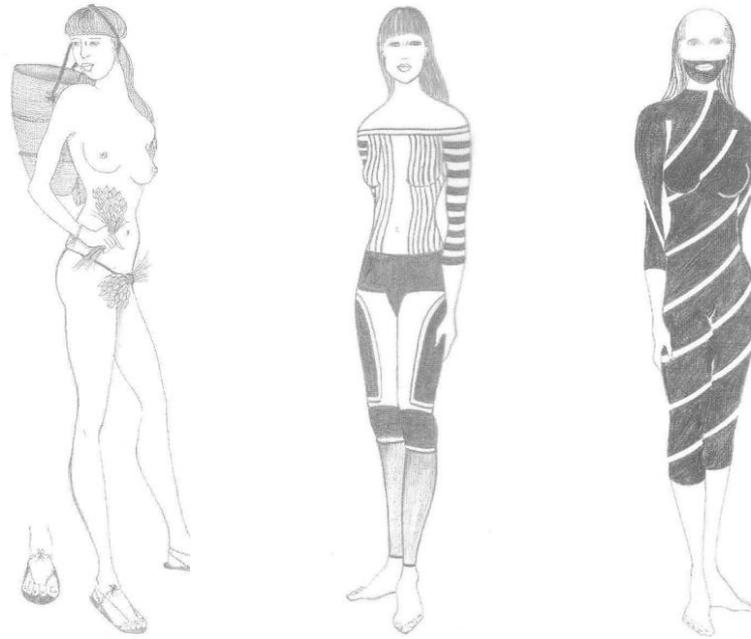


Figura 7 Ilustrações de referência da indumentária das indígenas brasileiras.

CHATAIGNIER, 2010, p.27; 28; 29

A introdução do vestuário aos costumes e hábitos indígenas também os atingiu de forma negativa em relação a outros fatores, como a saúde destes, colaborando com o extermínio de diversos índios devido às roupas que permaneciam em seus corpos suados, molhados da chuva ou do banho de rio servindo para o desenvolvimento de diversas doenças.

2.2. O Contato com as Artes Cênicas e Musicais

Os responsáveis pela evangelização dos índios foram os jesuítas, que através de observações a respeito de seus hábitos e costumes conseguiram visualizar que a abordagem pelo teatro e a música seria um modo facilitador para colocar em prática os ensinamentos da religião cristã.

³⁸ CHATAIGNIER, G., *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Estação das letras e Cores, 2010, p.28.

José de Anchieta concluiu que além das artes poderia ser muito mais produtivo se entendesse a linguagem e conseguisse se comunicar com os nativos. Com isso, se aproveitou muito da língua tupi, da música e do teatro para consolidar uma aproximação, como descrito em *São Lourenço*:

*Anchieta utilizava a língua tupi com o objetivo de se aproximar dos índios e catequizá-los. Para isso, criou verdadeiros malabarismos semânticos: de que forma traduzir palavras cujo sentido era desconhecido dos primeiros brasileiros, (...), o jesuíta optava por enxertar a palavra em português no meio de versos ou cantigas que transplantava da cultura ibérica.*³⁹

Os jesuítas analisaram que precisariam criar um laço, um vínculo com os nativos para conquistá-los e o fizeram através da representação e do simbolismo do teatro e da música, assim imaginaram conseguir ensinar aos gentios a cultura cristã, associando os mitos tupis às relações de céu e inferno pregadas por eles, tornando as peças teatrais e os cantos, instrumentos pedagógicos e evangelizadores. Além disso, notaram que as crianças indígenas poderiam ser fortes agentes catequizadores nas aldeias e que elas correspondiam muito bem a essa função através da música e do teatro, conforme relatado no livro *São Lourenço: A música e o canto eram usados principalmente para atrair as crianças índias, que se tornavam agentes catequizadores no país.* (...) ⁴⁰

Contudo, Tinhorão⁴¹ vai dizer que na verdade os jesuítas fingiram aceitar e entender a cultura indígena, que essa aproximação foi feita na realidade para que eles obtivessem sucesso com uma possível “deculturação”. O interesse principal era impor aos indígenas a cultura europeia, fosse essa social, religiosa ou mesmo política e fazer com que esses abandonassem seus costumes e hábitos, descritos muitas vezes como pagãos e selvagens. Teoria essa confrontada no filme britânico de 1986, *The Mission*, onde os jesuítas se mostram protetores dos índios e coniventes as suas manifestações culturais, enquanto os portugueses colonizadores são expostos como os responsáveis por uma possível tentativa de etnocídio à cultura indígena.

³⁹ OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.33.

⁴⁰ Id., 2006, p. 34.

⁴¹ TINHORÃO, J. R., *Música popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972, p.13.

2.3. Relações Socioculturais na Colônia

Os indígenas se apropriaram de vários costumes e hábitos dos portugueses, fosse por conveniência, comodismo ou por pressão sofrida por estes. Assim como os próprios portugueses, também acabaram compartilhando de diversos hábitos indígenas, onde inicialmente teria sido apenas para fazer contato com os gentios e catequizá-los, mas que com o passar do tempo foram absorvidos à cultura europeia instalada aqui no Brasil.

Destacando-se novamente o fato do casamento de Araribóia⁴², que mesmo não seguindo todos os padrões de matrimônio católico usuais para a época, foi celebrado e acompanhado pelos jesuítas e portugueses, inclusive pelo Governador da Província. Entretanto, apenas pela forma de Araribóia portar-se em uma cadeira⁴³ causaria um brusco rompimento entre esses dois povos. Será que as etiquetas sociais se tornaram mais importantes que manter um importante aliado ou até mesmo que as questões religiosas ou será que o aliado já não era mais tão importante, já que não havia mais especulações do domínio francês?

Estas descrições apontam para uma relevante questão, a qual demonstra a grande importância dada aos costumes do cotidiano e às etiquetas sociais pelos portugueses colonizadores de nosso país. Pois como podemos ver anteriormente, Araribóia que havia lutado por anos ao lado dos portugueses renuncia a diversas tradições e costumes de seu povo, aceita uma nova religião, entre outras convivências à cultura portuguesa pela boa convivência com os colonizadores, os quais também admitem certa tolerância em relação à cultura indígena.

Os padres tomavam por base a superioridade de sua religião, da sua cultura e das formas europeias de organização econômico-social, mas estavam certos de que a conquista dos indígenas só podia ser efetuada através de seu progressivo envolvimento, o que os levava a aceitar fingidamente os seus estilos, para melhor minarem os valores e logo poderem impor os conceitos desejados.⁴⁴

Assim como Tinhorão relata anteriormente, os jesuítas perceberam que só conseguiriam atingir seus objetivos de catequização e qualquer outro que tivessem através de uma relação mais próxima aos índios, mesmo que para isso fosse necessário dissimular a aceitação da cultura indígena.

⁴² Cf. capítulo 1, p.17.

⁴³ Cf. capítulo 1, p.19.

⁴⁴ TINHORÃO, J. R., *Música popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972, p.13.

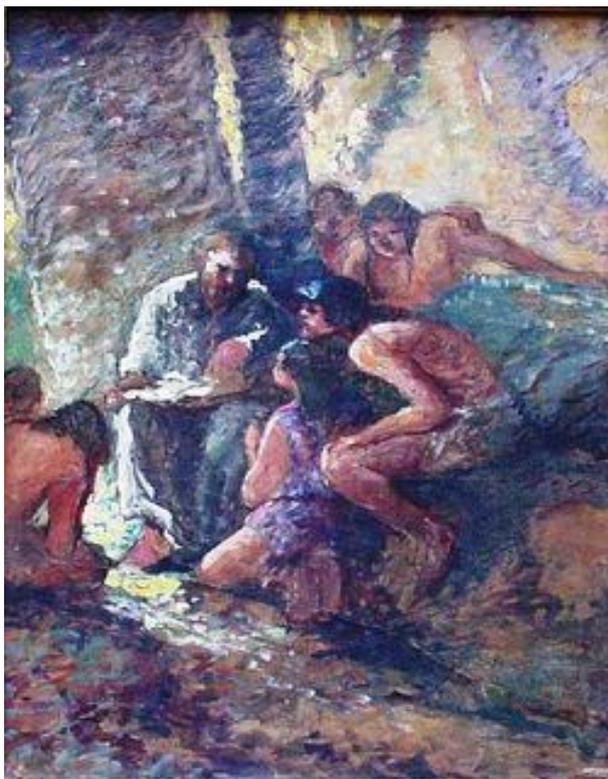


Figura 8 PARREIRAS, A., O Estudo para o Evangelho nas Selvas, 1936. Óleo sobre papel, 61,5 X 46 cm.

Cabe aqui novamente abordar as definições das relações *proxêmicas*, que conforme Hall⁴⁵, diferentemente da tela de Parreiras “O Missionário” analisada no Capítulo 1, temos agora em “O Estudo para o Evangelho nas Selvas” (1936) uma relação de muita proximidade sendo representada pelo jesuíta e o grupo de índios. Esta seria definida pela *distância íntima - fase afastada (distância: 15 a 45 cm)*, onde o padre e o grupo de indígenas não estão em contato corporal, mas com um simples esticar de mãos isto se torna possível. Além disso, a esta distância a voz pode ser empregada num tom muito baixo, como um sussurro, fator esse, que nos parece nesta tela olhando para a expressão do jesuíta.

Portanto, em “O Estudo para o Evangelho nas Selvas” podemos ver a figura do jesuíta mais paternal, mostrando a possibilidade de uma maior aproximação deste com os índios, assim como é relatado no filme *The Mission*, a respeito da conquista da confiança dos nativos pelos padres jesuítas.

⁴⁵ HALL, E. T., *A Dimensão Oculta*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981, p.109.

Logo perceberam a dificuldade em manter sua cultura presente na vida indígena, pois estes até aceitavam os ensinamentos dos jesuítas, mas tão rápido os esqueciam assim que voltavam para suas vidas e costumes tribais. Um fator importante a se ressaltar seria a questão da criação dos aldeamentos fixos propostos pelos jesuítas, os quais facilitavam muito a catequização. Os índios fixos em um único lugar estavam a todo tempo à vista dos pregadores, criavam uma rotina de culto e aprendizagem e ao mesmo tempo abandonavam um forte traço de sua cultura, o nomadismo que estava relacionado não só aos hábitos alimentares como também à mitologia tupi, conforme citado em *São Lourenço*:

No tocante à mitologia tupi, era importante a relação entre o pajé e as migrações indígenas. Os pajés mantinham vivos no imaginário indígena seu desejo pela Terra sem Mal e a possibilidade de atingi-la: tal desejo e crença eram manifestados através de movimentos migratórios conduzidos por esses profetas em busca do paraíso mítico. Neste lugar, habitavam seus ancestrais valorosos, onde se podia obter vida longa e eterna juventude, a abundância sem trabalho e a vitória sem guerra.⁴⁶

Além disso, houve pelo menos mais dois costumes indígenas que os jesuítas se esforçaram para erradicar em vão. Seriam eles, a antropofagia e a beberagem do *cauim*, bebida derivada da fermentação da mandioca. Todos os dois fortes hábitos culturais indígenas ligados a importantes rituais praticados nas tribos, conforme citados em *São Lourenço*:

Dentre os “velhos hábitos” indígenas, a beberagem do cauim era o que os jesuítas não conseguiam extirpar, e permaneceu demasiadamente arraigado no cotidiano dos aldeamentos.

Percebe-se, assim, a existência de um vínculo estreito entre o cauim e a memória ancestral indígena. Animado pelo estado de embriaguez, o índio era capaz de valorizar, fortalecer e reviver sua tradição através da lembrança dos valorosos feitos de seus antepassados.⁴⁷

O ritual de antropofagia executado pelos indígenas era a representatividade da vitória após a batalha, era o momento de receber os créditos de bravura através da integração entre eles e o corajoso inimigo, sendo que para isso era necessário comer-lhe a carne. Han Staden quando esteve no Brasil no século XVI, retratou em gravuras os processos deste ritual, produzindo um livro de sucesso na época contando as histórias do Brasil neste período.

⁴⁶ OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.32.

⁴⁷ Id., 2006, p.35.

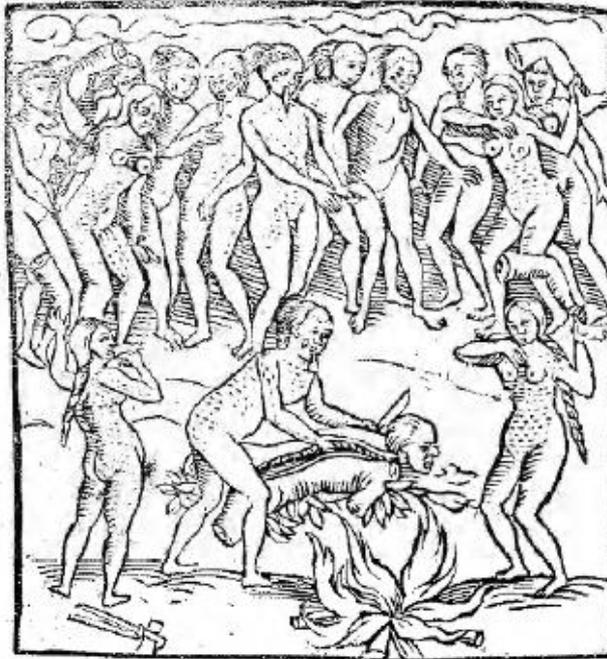


Figura 9 STADEN, H. Ilustração sobre o ritual de Antropofagia pelos índios, 1557. Gravura, Viagem ao Brasil, p.167.

O canibalismo envolvia todo um ritual no qual se pretendia a integração, não só dos índios de determinada aldeia, mas de índios amigos e vizinhos, que eram especialmente convidados para as festas. O ritual envolvia aspectos bastante curiosos, cuja observância era decisiva para sua perfeita realização. Só eram comidos os inimigos capturados em combate. A pressuposição era de que, ao ingerir o inimigo, ingeriam-se as suas qualidades. No entanto, o prisioneiro não era comido imediatamente e os preparativos podiam durar meses ou até anos.⁴⁸

Enquanto os jesuítas abominavam estes dois costumes intrínsecos à cultura indígena, os índios os tinham como parte do seu cotidiano, assim como, os jesuítas e os portugueses deveriam ter costumes que os índios também não compreendiam. A diferença seria na forma como cada qual reconhece e aceita o outro, os europeus, como vai articular Tinhorão, chegaram ao Brasil com uma visão de superioridade, culturalmente mais desenvolvidos, assim eles achavam, com a intenção de impor aos nativos seus conceitos de vida, religião, política, cultura, sem ao menos se questionarem se os índios queriam ou necessitavam disso, apenas esperavam que estes aceitassem, fosse por bem ou por mal. Supondo até mesmo que houve uma impossibilidade de intercâmbio cultural devido à pretensão de superioridade europeia resultando não em uma hibridização cultural, mas sim em uma superposição cultural.

⁴⁸ OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.40.

A pretensa superioridade dos colonizadores brancos de origem europeia, de início, e depois historicamente a dos próprios brasileiros (...), tornaram impossível um intercâmbio cultural que, pela dinâmica das suas relações, permitisse a obtenção de criações originais.⁴⁹

Neste ponto atrevo-me a discordar do referido autor, pois através de observações históricas realizadas pode-se ver que houve uma hibridização cultural, pelo menos em território brasileiro, abrangendo índios, europeus, negros e até os que seriam os futuros brasileiros. Não foi apenas uma superposição cultural ou até mesmo um etnocídio com a cultura indígena, houve uma mistura entre elas, uma mistura cultural. Vários hábitos e costumes indígenas foram aderidos como a produção da cerâmica, palavras em Tupi presentes em nosso vocabulário, hábitos de higiene, alimentares e de vestuário, a cooperação e a generosidade entre os indivíduos, entre outros. Assim, como é descrito no livro *São Lourenço* a respeito de como a cultura foi sendo adaptada dentro dos aldeamentos.

Para Almeida, essa ressocialização pode ser vista como um processo de resistência adaptativa, que permitiu aos índios reelaborarem suas práticas culturais para, a partir da construção de uma nova identidade cultural, atuarem em defesa de seus interesses. As etnias, como referencial de identificação, teriam sido relegadas em prol da identidade de índio aldeado. (...) Uma nova cultura, nem indígena nem portuguesa, foi sendo elaborada no interior das aldeias.⁵⁰

Visto que a cultura europeia ressaltou devido a uma verticalidade de imposições que aqui sofreram os nativos colonizados. Esta suposta superioridade cultural europeia vai ser remanescente até mesmo após haver uma miscigenação étnica no Brasil e talvez ainda mais representativa através dessa nova classe, os mestiços ou caboclos.

Era a vitória da tese da assimilação social pelo embranquecimento, o que desde logo afastava de uma aculturação perfeita dos antigos valores indígenas, uma vez que a tendência do caboclo era de esquecimento das origens, para mais rapidamente alcançar a sua ascensão social na estrutura imposta pelo colonizador europeu.⁵¹

Conforme afirma Tinhorão, esta miscigenação pareceu ter sido estratégica para o “embranquecimento” da população e desaparecimento dos naturais da terra, pois assim que começaram a surgir os mestiços, Marquês de Pombal em 1755, a partir de um alvará,

⁴⁹ TINHORÃO, J. R., *Música popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972, p.24.

⁵⁰ OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p. 35-36.

⁵¹ TINHORÃO, J. R., *Música popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972, p.25.

manda igualá-los aos portugueses da colônia, proibindo chamá-los de caboclos, considerada essa denominação injuriosa. Estes por sua vez se distanciavam cada vez mais de suas origens indígenas, valorizando a cultura europeia em função de uma possível ascensão social, tentando uma maior aproximação àquele que o colonizou.

3. REFLEXOS DE ARARIBÓIA NA ATUALIDADE NITEROIENSE

3.1. A Busca pela Identidade

Após mais de quatro séculos desde sua fundação, em Niterói foram poucos resquícios da cultura do povo Temiminó que pôde ser encontrada de forma representativa para a cidade. As gerações seguintes à Araribóia parecem não ter cultivado os costumes e as tradições de seu povo, assim como a noção de descendência foi se perdendo com o tempo.

No bairro de São Lourenço, onde se localizava a aldeia dos Temiminós⁵² foi realizada uma pesquisa entre 2003 e 2005 através dos alunos do curso de História da Universidade Federal Fluminense sob a orientação da professora Hebe Maria Mattos, para o Laboratório de História Oral e Iconografia, com a população local a respeito do que e como as pessoas pensavam sobre o então fundador de Niterói. Entre aqueles entrevistados estavam duas mulheres, ditas, descendentes de Araribóia.

*Os estudantes procuraram investigar a persistência da figura mítica de Araribóia no imaginário da população de São Lourenço. Ao entrevistarem dona Maria do Carmo Pinto Rodrigues e dona Gilda Pinto Rodrigues, conhecidas de todos os moradores como descendentes de Araribóia, perceberam que elas sentiam-se, de certa forma, estigmatizadas.(...)*⁵³

Assim, quando entrevistaram as descendentes de Araribóia, estas revelaram nada saber sobre este, contando que as histórias ficaram no passado, guardadas com as gerações mais antigas, e pelas descrições, não aparentavam orgulho por este parentesco:

Com certa relutância, no início, dona Maria do Carmo assume a ascendência indígena, lembrando que sua mãe contava que “a mãe de minha bisavó era da sétima geração”. No entanto, segundo dona Gilda: “A

⁵² *Dos habitantes remanescentes, cada família ou homem solteiro maior de vinte anos recebeu um lote de terreno, maior ou menor, conforme o caso, e desde que cultivasse e nele morasse, ficaria sendo de sua propriedade. Em 1880 ainda subsistia a repartição Inspeção dos Terrenos do Extinto Aldeamento de Índios, para deitar a última pá de cal na outrora promissora aldeia, que dispusera de 72 milhões de metros quadrados de terras ubérrimas, que não souberam ser aproveitadas... apud OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), São Lourenço. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p. 55.*

⁵³ OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), São Lourenço. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.72.

*minha mãe que é. Agora, nós, não, a gente pode ter sangue, mas não sabe de nada..*⁵⁴

Relato esse que nos faz voltar a questões abordadas por Tinhorão e também por Vainfas, a respeito do preconceito social com a miscigenação étnica brasileira. Este preconceito oscila na representação genérica do brasileiro como povo híbrido, tributário das culturas africanas, ameríndias e europeias, desde os trabalhos precursores de Gilberto Freyre, particularmente seu hoje clássico, *Casa Grande & Senzala*.

Barbosa⁵⁵ relatou em seu artigo *Globalização e Etnogênese*, semelhantes relações de negação à identidade e perda dos direitos sofridos pelos índios, no contexto do nordeste brasileiro, por razões similares. Nesse processo, como forma de resistência, os povos indígenas do Nordeste viriam buscar simbologias novas, dentro da atuação de uma política local, visando reparar suas perdas identitárias e resgatar seu reconhecimento como povos indígenas, pertencentes a um rico conjunto cultural a ser retomado.

Este movimento de “revivalismo cultural” ou “etnogênese”, assim chamado por Jonathan Friedman em 1994, esteve muito em voga no início do século XX. Foi quando começaram a surgir reivindicações por parte das populações ditas “mestiças” por reconhecimento de poderes, igualdade social e intelectual, assim como possuíam os ditos “brancos”. Afinal, notava-se que a formação populacional brasileira foi dada através da “mestiçagem” entre índios, portugueses e negros em sua maioria⁵⁶.

Esse processo desde então, vem se fortalecendo e conforme Luciano cita em *O índio brasileiro*, no fim do século passado aparece como um fenômeno, chamado “etnogênese”:

*...desde a última década do século passado vem ocorrendo no Brasil um fenômeno conhecido como “etnogênese” ou “re-etnização”. Nele, povos indígenas que, por pressões políticas, econômicas e religiosas ou por terem sido despojados de suas terras e estigmatizados em função dos seus costumes tradicionais, foram forçados a esconder e a negar suas identidades tribais como estratégia de sobrevivência – assim amenizando as agruras do preconceito e da discriminação – estão reassumindo e recriando as suas tradições indígenas.*⁵⁷

⁵⁴ OLIVEIRA, R., e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006, p.72.

⁵⁵ BARBOSA, W. D., *Globalização e etnogênese: os “novos” índios do nordeste e sua arte. Concinnitas: arte, cultura e pensamento*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.154-160, dez. 1998.

⁵⁶ SANTOS, N. P., *Tenda dos Milagres* (filme), 1977.

⁵⁷ LUCIANO, G. dos S. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD em parceria com o Museu Nacional, Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento - LACED, 2006, p.28.

Esta dedução mostra-se muito coerente, de forma a se representar estatisticamente nos últimos três censos realizados pelo IBGE⁵⁸, podendo-se ver um aumento relativo nas últimas décadas, principalmente no Norte e Nordeste do Brasil, de pessoas que se autodeclararam indígenas. Este processo pode estar ligado ao aumento de incentivos governamentais, através dos quais, esta parte da população, até então “escondida”, se revela, buscando melhores condições de vida devido à melhoria das políticas públicas para os indígenas.

Barbosa pertinentemente vai exemplificar este processo com o caso dos Kambiwá, etnia indígena localizada no sertão pernambucano, que durante algumas décadas permaneceram “camuflados” entre a população local devido às questões já anteriormente citadas.

Durante um bom tempo, os Kambiwá permaneceram quase indiferenciados da população regional. Em termos de sua visibilidade, poderíamos dizer que o grupo adotou, entre as décadas de 30 e 50, uma “estética da dissimulação” ou do “desaparecimento”, (...) até o momento no qual as mudanças políticas anteriormente mencionadas (década de 70) permitiram o agenciamento dos diversos grupos de remanescentes em diáspora e suscitaram um movimento de retorno de volta para a Serra Negra, já então tornada reserva Biológica de Serra Negra.⁵⁹

Com isso, aponta para as mudanças de políticas na época, como as possíveis responsáveis pelo resgate destes como um grupo, oficialmente reconhecidos após a adoção do “rótulo étnico” Kambiwá, coincidindo com as análises realizadas pelo IBGE. No entanto, Barbosa, vai além, ressaltando para a importância de se perceber que este processo está vinculado não só ao aparecimento de novas etnias, e sim à retomada ou renovação de antigas identidades.

Entretanto, se ao pensar na “etnogênese” ou no “surgimento” do grupo indígena Kambiwá, percebemos o quanto seu rótulo étnico, seu signo distintivo, é jovem, o mesmo não se pode dizer do grupo em questão. (...) Deste modo, não devemos nos iludir com o que o termo “etnogênese” sugere. Não se trata de inventar do nada novos grupos indígenas, como um mágico que tira coelhos de uma cartola, mas perceber que a geração de

⁵⁸ Quanto ao ritmo de crescimento da população autodeclarada indígena nas Unidades da Federação, no período 2000/2010, cabe destacar os Estados do Acre, com incremento de 7,1% ao ano, da Paraíba, com 6,6% ao ano, e de Roraima, com 5,8% ao ano. apud IBGE, *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações no quesito cor ou raça*. Rio de Janeiro, 2012, p.13.

⁵⁹ BARBOSA, W. D., *Globalização e etnogênese: os “novos” índios do nordeste e sua arte. Concinnitas: arte, cultura e pensamento*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.154-160, dez. 1998, p.158.

*novas identidades, novos signos, pode sustentar novas, mas também antigas percepções e cosmologias.*⁶⁰

De acordo com a análise do Censo 2010 realizada pelo IBGE, o estado do Rio de Janeiro e toda a Região Sudeste, apresentou um decréscimo no volume populacional dos que se autodeclaravam indígenas, assim como nas áreas urbanas do país, sendo exceção apenas a Região Norte.⁶¹

*O Estado do Rio de Janeiro revelou o maior declínio populacional de autodeclarados indígenas, com -7,8% ao ano, equivalendo a uma redução de cerca de 20 mil indígenas.*⁶²

Em 2000, Niterói contava com sua população autodeclarada indígena em aproximadamente 919 habitantes conforme a Secretaria Geral de Planejamento – TCE RJ⁶³. De acordo com o Censo 2010 do IBGE, o total hoje seria de 655 pessoas autodeclaradas indígenas na cidade. Acusando uma relativa queda neste grupo populacional, participando da estatística estadual.

Os motivos para justificar essa via na contramão do país, não são fáceis de encontrar, havendo apenas algumas suposições declaradas no Censo 2010, como o retorno das pessoas aos seus locais de origem, a crescente urbanização, a falta de contato entre os mesmos, a falta de reconhecimento de sua origem étnica e pelo próprio grupo⁶⁴, como também a carência de uma aplicação eficaz de políticas indigenistas.

*Essas pessoas que deixaram de se classificar como indígenas na área urbana podem não ter nenhuma afinidade com seu povo de origem e a inclusão dos quesitos referentes ao pertencimento étnico e à língua falada no domicílio pode ter sido um fator de influência quanto à declaração de ser ou não indígena.*⁶⁵

⁶⁰ BARBOSA, W. D., Globalização e etnogênese: os “novos” índios do nordeste e sua arte. *Concinnitas: arte, cultura e pensamento*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.154-160, dez. 1998, p.159.

⁶¹ IBGE, *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações no quesito cor ou raça*. Rio de Janeiro, 2012, p.08.

⁶² Id., 2012, p.13.

⁶³ TCE-RJ, *Estudos Socioeconômicos dos Municípios do estado do Rio de Janeiro: Niterói*, 2010. Rio de Janeiro, 2010. p. 10.

⁶⁴ *O reconhecimento étnico se pauta na conjugação de critérios definidos pela consciência da identidade indígena e de pertencimento a um grupo diferenciado dos demais segmentos populacionais brasileiros e pelo reconhecimento por parte dos membros do próprio grupo. Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973 (Estatuto do Índio).*

⁶⁵ SANTOS; TEIXEIRA, 2011. apud IBGE, *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações no quesito cor ou raça*. Rio de Janeiro, 2012, p.12.

Talvez Niterói justifique esse decréscimo de acordo com a citação de Santos, pois com a extinção da Aldeia de São Lourenço em 1866 e com a pressão que os brasileiros já vinham sofrendo anteriormente com Marquês de Pombal e com a sociedade em geral que mantinha a ideia de que a cultura europeia era “superior” à indígena, pode ser que estes fatores tenha-os levado a deixar de lado suas raízes, não cultivando os seus costumes e tradições, as quais acabaram caindo no esquecimento ao longo das gerações.

3.2. Reconstruções do Orgulho Niteroiense

Knauss⁶⁶ relata que no início do século XX, houve um movimento de redefinição histórica na capital federal, promovendo a fundação do Rio de Janeiro para o ano de 1565, no local da praia do Forte deixando para trás a antiga data de 1567 e o morro do Castelo. Além de colocar Estácio de Sá em primeiro plano ao invés de seu tio, Mem de Sá e valorizando os feitos de Araribóia e seus guerreiros.

Niterói seguiu pelo mesmo caminho, com a proposta parlamentar de perpetuar a memória de Araribóia, pelo vereador Olavo Guerra. Afinal, era a capital regional e via-se a importância de identidade com a esfera estadual e nacional.

Igualmente, no antigo estado do Rio de Janeiro, a unidade federativa mais próxima da capital federal, ocorria uma tendência para a redefinição simbólica da ordem histórica. Não sem razão, em 26 de junho de 1900, na Câmara Municipal de Niterói, então capital provincial, é apresentada pelo vereador Olavo Guerra uma proposta de perpetuar a memória de Martim Afonso de Souza, o Araribóia, através da aquisição de um quadro e colocação de uma placa comemorativa do falecimento do personagem histórico. A mesma proposta parlamentar autorizava o erguimento de uma estátua no largo da antiga matriz de São Lourenço, remanescente do aldeamento indígena original. (...) Assim a proposta indicava uma solução simbólica que ligava a comunidade urbana de Niterói com a comunidade do estado do Rio de Janeiro e a comunidade nacional.⁶⁷

A partir de então, surge a Comissão Glorificadora a Araribóia, visto que, um de seus líderes era José Luiz de Araribóia Cardoso, que se dizia descendente de Araribóia incorporando o nome do cacique ao seu. Esse movimento, em 1909, contava com o apoio da sociedade civil, da mídia e de alguns vereadores, em contraponto à prefeitura.

⁶⁶ KNAUSS, P., HERÓI DA CIDADE: *Imagem Indígena e Mitologia Política*. In: Knauss, Paulo (coord). Sorriso da Cidade. Imagens Urbanas e história política de Niterói. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2003, p.48.

⁶⁷ Id., 2003, p.49.

Além de se notar um maior envolvimento da sociedade, é ressaltado o desinteresse do prefeito Pereira Ferraz que “pouco se incomoda com o município e muito menos que houvesse existido Araribóia”, segundo a notícia da imprensa regional.⁶⁸

Durante os anos 1912 e 1914 esse movimento contará com sua maior expressão, com grandes festejos de comemoração pelos 339º e 441º aniversários da cidade, sendo realizadas missas em São Lourenço, incentivando a participação popular, contando também com o envolvimento militar. Onde a Comissão alcançou vários feitos, desde a proposta parlamentar de Olavo Guerra em 1900, em homenagem a imagem de Araribóia, como a produção do quadro “Martim Afonso de Souza, o Araribóia - Fundação da Cidade de Niterói” de Parreiras, a colocação do busto em área pública e o lançamento da pedra fundamental da estátua.



Figura 10 Busto de Araribóia localizado no bairro de São Lourenço, s.d. Foto: Tetê Mattos.

⁶⁸ KNAUSS, P., HERÓI DA CIDADE: *Imagem Indígena e Mitologia Política*. In: Knauss, Paulo (coord). Sorriso da Cidade. Imagens Urbanas e história política de Niterói. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2003, p.51.

Além disso, conforme relata Salgueiro⁶⁹, Doutora em História Social, tentou-se promover o sentimento de civismo e construção da nacionalidade brasileira, através do culto a mitos. Como também cita Knauss⁷⁰ a respeito da vinculação da imagem de Araribóia como o “*legítimo Pai da Pátria Brasileira*” e à fundação da cidade, desta forma visava-se unir a identidade local à nacional.

Salgueiro exemplifica este fato com os relatos sobre a encomenda do quadro “Martim Afonso de Souza, o Araribóia – Fundação da cidade de Niterói” de Antonio Parreiras:

A obra em questão foi uma encomenda oficial feita em meio a uma significativa movimentação local visando a construção de uma narrativa da origem e de nomes a ela associados, em torno dos quais pudesse se fortalecer um sentimento de identidade e de orgulho cívico na população. Esse movimento local não era isolado, mas, antes, consoante com um esforço em escala nacional de construção da nacionalidade brasileira e de culto ao orgulho cívico, ao qual buscou-se vincular certos mitos (...) Como era comum, a construção de uma visualidade da história nacional ou regional que acompanhava essa demanda invariavelmente ocorria apoiada em fontes historiográficas “autorizadas”, (...) através dos quais fatos, acontecimentos e nomes a ele ligados eram controlados pelas elites e aprovados pelo crivo das forças dominantes no poder.⁷¹

Por fim, em 1915 a Comissão Glorificadora a Araribóia é dissolvida, Araribóia esquecido e sua imagem não sendo assimilada como se esperava, torna-se um emblema mítico da cidade. Então, em 1965, o governo estadual resolver resgatar a imagem de Araribóia, junto a uma renovação urbana, propondo o projeto de reforma e revitalização da praça Araribóia para o aniversário da cidade. Contava com a reforma da estação das barcas, dos jardins, da instalação de um relógio suíço, de iluminação a vapor de mercúrio e finalmente a instalação da estátua de Araribóia, obra de Dante Croce.

A transformação da cidade assemelhava-se ao sucesso do processo civilizador desenvolvido, tendo o emblema de Araribóia como um símbolo, caracterizado como vitorioso pela invencibilidade. Em linhas gerais, o presente identificava-se com o instante cotidiano do cidadão e era reconhecido na marcação do relógio. Por sua vez, o passado era identificado com a memória do herói mítico que demarcava a origem da cidade. Por fim, a construção da Sociedade no futuro ficava identificada

⁶⁹ SALGUEIRO, Valéria. Araribóia – Uma história e uma alegria da história. In: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, João Pessoa, 2003, p.01.

⁷⁰ KNAUSS, P., HERÓI DA CIDADE: *Imagem Indígena e Mitologia Política*. In: Knauss, Paulo (coord). Sorriso da Cidade. Imagens Urbanas e história política de Niterói. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2003, p.58.

⁷¹ SALGUEIRO, Valéria. Araribóia – Uma história e uma alegria da história. In: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, João Pessoa, 2003, p.01.

com a ação dos sujeitos do estado. Essa articulação simbólica, inscrita na produção do espaço da cidade, definia uma noção de civismo e patriotismo que simbolicamente construía a imagem de um Estado fortalecido e se projetava no futuro.⁷²

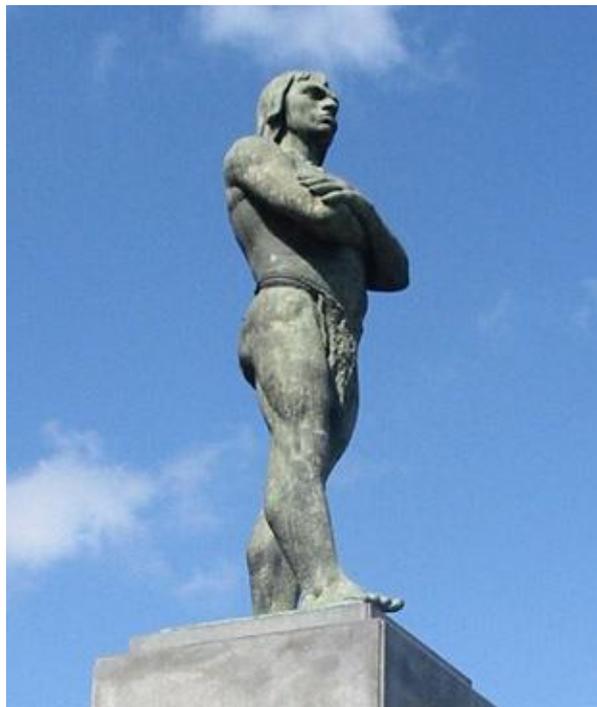


Figura 11 Estátua de Araribóia localizada na Praça Araribóia, s.d. Foto: almacarioca.com.br

Novamente destacava-se o nome indígena ao cristão e apresentava-se a gratidão do povo ao líder Temiminó, assim dizia a inscrição na estátua: *O povo fluminense a Araribóia*. Além de tentar resgatar aquela ideia, de outrora, de integralização entre sociedade e estado, buscou-se unir simbolicamente, com a reforma da praça, o passado, o presente e o futuro da cidade.

Após a desvinculação de Niterói como capital devido a fusão dos estados do Rio de Janeiro e da Guanabara em 1975, a cidade nos anos seguintes viu-se imersa em ostracismo e decadência. A base política situava-se agora no Rio de Janeiro, e conforme Costa⁷³ foi a partir deste esvaziamento político que se gerou uma diminuição da movimentação econômica resultando em um refluxo de investimentos na antiga capital.

⁷² KNAUSS, P., HERÓI DA CIDADE: *Imagem Indígena e Mitologia Política*. In: Knauss, Paulo (coord). Sorriso da Cidade. Imagens Urbanas e história política de Niterói. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2003, p.70.

⁷³ COSTA, C. S., *MARECHAL DEODORO: A rua do Imperador*. Niterói, RJ: Nitpress, 2010, p.132.

Acarretando a uma dependência política e econômica que de acordo com Luz⁷⁴ desenvolveu-se uma relação de oposição da metrópole contra a província, neste caso do Rio de Janeiro contra Niterói. Promovendo entre os metropolitanos uma visão depreciativa em relação aos provincianos, enquanto estes começam a viver com um complexo de inferioridade.

Niterói sempre foi alvo de piadas de mau gosto dos habitantes do Rio de Janeiro. Niterói era "terra de índio", por alusão a seu herói fundador Arariboia. Niteroiense era "papa-goiaba". A ponte Rio-Niterói, liga(va) o século XIX (Niterói) ao século XX (Rio), diz (ia-se) "vão central" (em direção ao Rio) e "vão à merda" (em direção à Niterói).⁷⁵

Então, a partir de 1989, o novo grupo político que assume o governo de Niterói busca novamente resgatar a identidade e a autoestima dos niteroienses, agora, através da imagem de “cidade cultural”, tentando deixar para trás a ideia de cidade dormitório ou subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, que se empregou após a perda de *status* de capital, como nos relata Luz em seu artigo. Este visualizou que por meio da área cultural seria possível reaver recursos e investimentos financeiros e assim realizar uma renovação urbana que conseqüentemente recuperasse e valorizasse a identidade municipal.

Seguindo esta proposta cultural, foi encomendado ao arquiteto Oscar Niemeyer, o projeto de criação de um museu, que trouxesse modernidade e renovação à cidade de Niterói junto ao orgulho dos moradores. Em 1996, foi inaugurado o MAC - Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Logo, conforme Santiago⁷⁶, o MAC é adotado como símbolo da cidade, deixando no esquecimento antigos símbolos como o Araribóia e a Pedra de Itapuca que muitas vezes eram usados de forma confusa e até mesmo pejorativa.

A adoção do MAC como um novo símbolo para Niterói despertou o interesse de visitantes do mundo inteiro e recuperou a autoestima dos moradores, gerando certo orgulho cívico⁷⁷.

Apesar de Santiago⁷⁸ abordar em sua dissertação que não houve uma consulta prévia para a adoção do MAC como símbolo da cidade, suas pesquisas mostram que a

⁷⁴ LUZ, M. da, Nasce uma nova Niterói: representações, conflitos e negociações em torno de um projeto de Niemeyer. *Net*, Porto Alegre, jul/dec. 2009, s/p.

⁷⁵ Id., 2009, s/p.

⁷⁶ SANTIAGO, Carlos Eduardo T. Jr. *Niterói-RJ: a adoção de um símbolo como estratégia de mudança de imagem*. 2007. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Turismo) - Curso de Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2007, p.14.

⁷⁷ GONÇALVES, 2006. apud SANTIAGO, Carlos Eduardo T. Jr. *Niterói-RJ: a adoção de um símbolo como estratégia de mudança de imagem*. 2007. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Turismo) - Curso de Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2007, p.16.

maioria da população o aceita como representante de Niterói e orgulham-se de tê-lo como símbolo. Demonstrando que a política implementada em 1989 e o forte *marketing* executado, a partir de então, sobre este novo símbolo, correspondeu de forma positiva às expectativas do governo.

Vale ressaltar na pesquisa realizada por Santiago⁷⁹ que a medida que aumenta a indicação da estátua de Araribóia como símbolo da cidade diminui o grau de escolaridade e a renda familiar dos entrevistados, enquanto a indicação do MAC aumenta a medida que estes fatores citados também aumentam. Entretanto, Luz afirma que junto aos investimentos na área cultural vieram as melhorias na infraestrutura urbana, na saúde e na educação, resultando na recuperação da autoestima dos niteroienses. Mas e essa parcela da população que não reconhece o MAC como o símbolo representante da cidade?

Neste momento nos deparamos com esta difícil questão a ser solucionada, afinal quais seriam os fatores que nos levam a esclarecer o porquê destes resultados? Será que a cultura em Niterói foi tão elitizada que dificulta o acesso aos bens culturais pela população mais carente? Será que as famílias mais simples cultivam com mais propriedade as tradições e a memória da cidade? Será possível o *marketing* executado em favor do MAC como símbolo de Niterói não tenha atingido essa parte dos moradores? Será ainda por questões de preconceito às raízes indígenas, abordadas anteriormente nesta monografia, ou até mesmo pela superposição cultural, tão defendida por Tinhorão, os responsáveis por estes resultados? Ou ainda, se essas relações nos levarem a um estreitamento direcionado a população indígena residente em Niterói, será que esse esvaziamento cultural do povo Temiminó está ligado a uma fraca política indigenista empregada no município, por isso a redução nos índices de declarações da etnia indígena nos últimos censos realizados pelo IBGE no município e também no estado?

Devemos um dia chegar a desvendar algumas destas questões e chegar a conclusões que nos esclareçam não só a respeito desse formato de gestão cultural implantado em Niterói, que nos parece não ter alcance a toda população. Como também se há relações diretas destas questões com a diminuição da percentagem da população declarada indígena no município nestes últimos anos e ao desaparecimento das raízes culturais daqueles que foram os formadores legítimos da população de Niterói, o povo Temiminó.

⁷⁸ SANTIAGO, Carlos Eduardo T. Jr. *Niterói-RJ: a adoção de um símbolo como estratégia de mudança de imagem*. 2007. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Turismo) - Curso de Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2007 p.53.

⁷⁹ Id., 2007, p.43.

CONCLUSÃO

Por meio deste trabalho final tentamos demonstrar, através da figura representativa de Araribóia, o processo de hibridização cultural ocorrido no Brasil colônia, mais especificamente na cidade de Niterói. Buscamos debater, a partir das diferentes visões entre variados autores, que este processo foi resultado de uma aculturação entre a nação dos Temiminós e a portuguesa. Ao mesmo tempo, não se pode fechar os olhos para a deculturação ocorrida, afinal muito da cultura absorvida pelos nativos foi devido a imposições dos colonizadores. No entanto, em alguns momentos, nos deparamos com a possibilidade de um etnocídio da cultura Temiminó.

Avaliando-se a hipótese de Tinhorão a respeito da superposição cultural ter provocado a aniquilação dos valores e das raízes do povo indígena, procuramos refletir sobre questões do presente e de um passado mais próximo da ligação da figura de Araribóia e sua representação perante Niterói. Como relatado no corpo desta monografia, nem os ditos descendentes de Araribóia se reconhecem como tais. Para isso não basta apenas a ligação cosanguínea, é preciso se sentir como parte daquela história, trazer consigo tradições e costumes, ou seja, é necessário preservar a memória de suas origens e passá-las às gerações seguintes, acendendo um sentimento de pertencimento àquela cultura.

Por mais que atualmente em Niterói não seja vista com clareza a preservação e a continuidade das tradições Temiminós, podemos resgatar através da trajetória histórica de Araribóia fatores que nos levam a crer que realmente a formação identitária, tanto de Niterói como de grande parte de nosso país, inicialmente, seja resultado da hibridização entre a cultura dos indígenas e dos europeus. No entanto, durante séculos, houve diversas tentativas de diminuir, e até mesmo apagar, as raízes indígenas de nosso povo, como a já referida implantação do alvará parlamentar por Marquês de Pombal. Através deste alvará se igualavam os mestiços aos portugueses da colônia e proibia-se o uso da expressão *caboclo*, a qual era vista como injuriosa. A intenção era aumentar a população brasileira dita portuguesa e diminuir à mestiça ou indígena.

No início do século passado, Niterói vai passar por um processo de resgate dos valores de suas origens com o apoio da Comissão Glorificadora a Araribóia, que tentava restaurar o orgulho da população pelo fundador da cidade. Para isso, foi encomendada a Antonio Parreiras a pintura do quadro “Martin Afonso de Souza, o Araribóia – Fundação da Cidade de Niterói”, a confecção do busto de Araribóia ao escultor Modestino Kanto e o lançamento da pedra fundamental da estátua. Passado os anos após as entregas destes monumentos e dissolvida a Comissão, novamente Araribóia cai no esquecimento da população.

Depois disso, houve outras tentativas deste resgate de raízes em Niterói seguindo esta mesma linha, com reformas da praça Araribóia, com a colocação da estátua deste, confeccionada por Dante Croce, mas nada pareceu surtir o efeito esperado. Porém, é preciso muito mais que obras materiais espalhadas pela cidade para fazer com que surja em uma determinada população um sentimento de pertencimento a uma cultura, seja esta local ou não.

Hoje, o símbolo representativo de Niterói é o MAC, museu projetado por Oscar Niemeyer e que desde o fim da década de 1990 foi adotado simbolicamente para resgatar o orgulho do niteroiense, configurar uma nova política cultural na cidade e apresentá-la para o país e ao exterior. Conforme aponta a pesquisa realizada por Santiago, parece que a maior parte da população local sente-se satisfeita com este novo símbolo. Percebe-se novamente que a figura de Araribóia é esquecida e com ela as raízes culturais de seu povo.

Contudo, através de todas as análises realizadas a partir dos fatos históricos pesquisados, não se pode negar o real resultado do contato entre estes povos no início da colonização brasileira. Este contato gerou sim, uma cultura híbrida em nosso país, a qual pode ser notada, por exemplo, através do idioma aqui adotado, onde se inclui diversas palavras em Tupi. Essa formação cultural híbrida se revela também por meio dos utensílios domésticos em cerâmica e palha, do vestuário tão miscigenado entre as duas culturas, dos hábitos de higiene e inclusive nas relações sociais compartilhadas pelos dois povos, entre outras coisas tão imersas em nosso universo diário que nem percebemos de onde se originaram.

No entanto, sente-se pela escassez de elementos mais vivos da cultura Temiminó na cidade de Niterói e pela visível falta de continuidade das tradições e costumes do povo indígena entre a população niteroiense. Este sentimento reforça também um estímulo maior

em continuar a busca por eles. Afinal, esta se não foi a única no país, talvez tenha sido uma das poucas cidades a ser legitimamente fundada por um índio, o bravo guerreiro Araribóia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, J. I., *Araribóia em Notícia*. Niterói, RJ: [s.n.], 1976. p

BARBOSA, W. D., Globalização e etnogênese: os “novos” índios do nordeste e sua arte. *Concinnitas: arte, cultura e pensamento*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, dez. 1998. 184 p. p.154-160.

CALANCA, D., *História Social da Moda*. São Paulo: Senac São Paulo, 2008. 227 p.

CHATAIGNIER, G., *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Estação das letras e Cores, 2010. 185 p.

COELHO, T., *DICIONÁRIO CRÍTICO DE POLÍTICA CULTURAL, Cultura e Imaginário*. 2ª Ed. São Paulo: Iluminuras LTDA, 1999. 383 p.

COSTA, C. S., *MARECHAL DEODORO: A rua do Imperador*. Niterói, RJ: Nitpress, 2010. 176 p.

FORTE, J. M. M., *Tradições de Niterói*. 2ª Ed. Niterói, RJ: Instituto Niteroiense de Desenvolvimento Cultural, 1975. 48 p.

GEERTZ, C., *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 323 p.

HALL, E. T., *A Dimensão Oculta*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. 200 p.

KNAUSS, P., HERÓI DA CIDADE: *Imagem Indígena e Mitologia Política*. In: Knauss, Paulo (coord). *Sorriso da Cidade. Imagens Urbanas e história política de Niterói*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2003. 213 p. cap. 2. p. 47-77.

LESSA, L. C., *Pontos Controvertidos da Vida de Araribóia*. Niterói, RJ: Laplace, 1996. 114 p.

LIMA, M. C., *Breve História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2004.

MUSEU ANTONIO PARREIRAS (Niterói, RJ). *Quadros Históricos de Antonio Parreiras*. Niterói, 1955.

OLIVEIRA, Priscila Henrique de. “*Transformar o índio em um índio melhor*”: saúde e doença no contexto do indigenismo (1910-1967). In: FREIRE, C. A. R. (org). *Memória do SPI: textos, imagens e documentos sobre o Serviço de Proteção aos Índios (1910-1967)*. Rio de Janeiro: Museu do Índio - FUNAI, 2011. 492 p. p.190-199.

OLIVEIRA, R. de, e VASQUEZ, M. (org.), *São Lourenço*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2006. 80 p.

PANOFSKY, E., *Significado nas Artes Visuais*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 1991. 439 p.

THOMPSON, E. P., *COSTUMES EM COMUM: Estudo Sobre a Cultura Popular Tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 493 p.

TINHORÃO, J. R., *Música popular de índios, negros e mestiços*. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972. 197 p.

TODOROV, T., *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 324 p.

WEHRS, C., *Niterói Cidade Sorriso: história de um lugar*. Rio de Janeiro: (Apresentação de) Charles Julius Dunlop, 1984. 366 p.

SANTIAGO, Carlos Eduardo T. Jr. *Niterói-RJ: a adoção de um símbolo como estratégia de mudança de imagem*. 2007. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharel em Turismo) - Curso de Turismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2007.

ALMEIDA, M. R. C. de, Nobreza de Índio, *Net*, Rio de Janeiro, set. 2008, Seção Artigos. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/nobreza-de-indio>>. Acesso em: nov. 2012.

FERREIRA, F. da C., O uso do tempo livre na região metropolitana do Rio de Janeiro: o caso da cidade de Niterói. *Net*, Rio de Janeiro, jan/jun. 2002. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Niteroi-internet.htm>>. Acesso em: jan. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, *Os indígenas no Censo Demográfico 2010: primeiras considerações no quesito cor ou raça*. Rio de Janeiro, 2012. 31 p. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm>. Acesso em: jan. 2013.

LUCIANO, G. dos S. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD em parceria com o Museu Nacional, Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento - LACED, 2006. 227 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001545/154565por.pdf>>. Acesso em: jan. 2013.

LUZ, M. da, Nasce uma nova Niterói: representações, conflitos e negociações em torno de um projeto de Niemeyer. *Net*, Porto Alegre, jul/dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832009000200012>. Acesso em: dez. 2012.

MOONEN, F., Povos Indígenas no Brasil. *Net*, Recife, 2008. 50 p. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a_pdf/moonen_povos_indigenas_br_2008.pdf>. Acesso em: abr. 2012.

OLIVEIRA, M. P. de, Política urbana e o “Caminho Niemeyer” em Niterói-RJ: da resignificação da cidade a (re)valorização do espaço urbano. *Net*, Niterói, 2009. 16 p. Disponível em: <[http://www.cchla.ufrn.br/dpp/dppEventos/eventos_dpp/marcio_pinon/Pol%C3%ADtica%20Urbana%20e%20o%20Caminho%20Niemeyer%20em%20Niter%C3%B3ria%20da%20resignifica%C3%A7%C3%A3o%20da%20cidade%20a%20\(re\)valoriza%C3%A7%C3%A3o%20do%20espa%C3%A7o%20urbano.pdf](http://www.cchla.ufrn.br/dpp/dppEventos/eventos_dpp/marcio_pinon/Pol%C3%ADtica%20Urbana%20e%20o%20Caminho%20Niemeyer%20em%20Niter%C3%B3ria%20da%20resignifica%C3%A7%C3%A3o%20da%20cidade%20a%20(re)valoriza%C3%A7%C3%A3o%20do%20espa%C3%A7o%20urbano.pdf)>. Acesso em: jan. 2013

SALGUEIRO, Valéria. Araribóia – Uma história e uma alegria da história. In: ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, João Pessoa, 2003. 6 p. Disponível em:<<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.674.pdf>>. Acesso em: out. 2012.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – TCE-RJ, *Estudos Socioeconômicos dos Municípios do estado do Rio de Janeiro: Niterói*, 2010. Rio de Janeiro, 2010. p. 130. Disponível em: http://www.setrerj.org.br/pdfs/dados_niteroi.pdf Acesso em : dez. 2012.

VAINFAS, R., Colonização, miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. *Net*, 1999. 12 p. Disponível em: <http://www.ccm.org.br/public/images/mcefiles/docs/miscigenacao.pdf>>. Acesso em: abr. 2012.